Dia 30 — Santa Martina, Virgem e Mártir

Nasceu Santa Martina em Roma, de pais tão distintos e tão qualificados que seu pai foi três vezes cônsul. Foi seu ditoso nascimento por volta do princípio do século III. Seus pais eram cristãos; e assim criaram a menina com o maior cuidado e com a maior piedade. Desde seus mais tenros anos fez tantos progressos na virtude que foi exemplo e até confusão de muitos fiéis adultos. Penetrada das verdades de nossa religião e favorecida de dons celestiais, só se ocupava em obras de caridade, passando os dias na oração e no retiro. Estava como escondida dentro de sua própria virtude; e, à medida que ia crescendo em idade, ia também adiantando-se em sabedoria e piedade.

Imperava então Alexandre Severo, o qual, embora se mostrasse favorável aos cristãos, nem por isso deixou de fazer muitos mártires, entre os quais foi uma nossa Martina. É verossímil que a perseguição fosse obra dos ministros do imperador e que, sem notícia do príncipe, desafogassem eles o ódio que tinham contra os cristãos, cobrindo-se com as leis do império e com os decretos dos imperadores, que não estavam revogados.

Tendo chegado à notícia dos magistrados que Martina era cristã, mandaram-na comparecer em nome do imperador para que desse razão da religião que professava. Compareceu a santa donzela com um semblante tão majestoso e com uma modéstia tão nobre e tão cristã que os juízes não puderam deixar de olhá-la com respeito, e até com veneração. Perguntaram-lhe logo se era verdade que fosse cristã. Tenho a ventura de sê-lo, respondeu a santa com tom firme e com resolução modesta, e causam-me muita lástima os que não alcançam a mesma ventura que eu.

É possível, replicou-lhe um dos juízes, que uma donzela de tua distinção, de teu entendimento, de teu espírito, tão rica e tão formosa como tu, tenha dado nas fantasias e superstições dos cristãos? Deixa de reconhecer por Deus um homem que por seus delitos foi crucificado e vem imediatamente comigo ao templo do grande Apolo a oferecer-lhe sacrifício. Este deus, a quem professa singular devoção nosso augusto imperador, derramará sobre ti a mãos cheias benefícios e favores, logo que lhe rendas aquela veneração e aquele culto que por tantos títulos lhe são devidos.

Como não reconheço outro Deus mais que o único a quem adoro, replicou Martina, tampouco devo render a outro nem veneração nem culto. Minha maior nobreza e a prenda maior de que me prezo é ser cristã; tendo também por a maior de todas as felicidades derramar todo o meu sangue e oferecer minha vida por minha religião. Admiro-me certamente de que homens como vós, entendidos, discretos e capazes, tenhais por deus uma estátua de mármore ou de bronze, fabricada a golpes de martelo por um artífice que vale muito mais que ela; e, para que conheçais

por vossa própria experiência quão ridículas são estas divindades quiméricas a que dedicais vossos cultos, levai-me, se quiserdes, ao templo de vosso Apolo, e vereis como reduzo a pó essa mentida deidade em vossa mesma presença.

Irritados os juízes ao ouvir uma resposta tão generosa e tão nobre, mandaram que fosse conduzida ao templo de Apolo, para que nele oferecesse sacrifício; e, caso resistisse a obedecer, que sem remissão alguma fosse atormentada com os maiores suplícios.

Mal descobriu a santa o templo aonde a levavam, levantando os olhos e as mãos ao céu, fez esta devota oração: « Deus e Salvador meu, que tirastes do nada todas as criaturas e que todas as reduzis ao nada quando é vossa vontade, dignai-vos ouvir a oração desta humilde serva vossa e fazei ver a este povo cego que só vós mereceis nossa adoração e nosso culto e que os ídolos seus, que são obra de suas mãos, são indignos da menor veneração. »

Mal acabou a santa de pronunciar estas palavras, sentiu-se um espantoso terremoto que encheu de terror a todos: uma parte do templo desabou, a estátua de Apolo ficou feita em mil pedaços; e ouviu-se a voz do demônio que residia naquele ídolo, que disse em tom lamentoso: « Ó Martina, serva do verdadeiro Deus, tu me lanças de minha mansão, onde vivia havia tantos anos; é preciso ceder à onipotência de teu Deus, que vai encher de calamidades este império! »

Foram testemunhas deste suceso a maior parte dos ministros do imperador; e, temendo o furor do povo, que atribuía os milagres dos cristãos a magia e encantamento, mandaram que, sem respeito à qualidade nem à tenra idade de Martina, fosse surrada com grossos bastões nodosos e fosse arranhado seu rosto com unhas acetadas. Durante este horrível suplício estava a santa donzela bendizendo a Nosso Senhor Jesus Cristo e dando-lhe graças pela mercê que lhe fazia de padecer algo por seu santo nome e por sua glória. Consolou-a o Senhor e a alentou com uma luz celestial, assegurando-lhe que triunfaria de todos os seus tormentos. Vendo os verdugos todas estas maravilhas, de repente deixaram de atormentá-la e, lançando-se a seus pés, declararam altamente que eram cristãos e suplicaram à santa que lhes alcançasse do Senhor a graça do martírio. Foram ouvidos logo, pois o juiz mandou cortar a cabeça de todos no ato.

Não cabia em si de gozo Santa Martina ao ver a vitória que seu doce esposo Jesus Cristo acabava de conseguir de seus inimigos; e, como o tirano a apertasse para que oferecesse sacrifício e não quisesse expor-se a que se executasse com ela o que se acabava de executar com os outros, respondeu-lhe a santa virgem com cristã intrepidez que os tormentos mais cruéis eram para ela favores insignes e prazeres requintados; e que assim em vão se cansava em tentar sua fé e sua constância. Enfurecido o tirano, mandou que a despedaçassem de novo com ganchos agudos e a levassem arrastando ao templo de Diana, para que ao menos estivesse presente ao sacrifício daquela deusa; mas mal apareceu nele a santa, o demônio saiu do templo fazendo um espantoso ruído, ao qual se seguiu um raio, que reduziu a cinzas a estátua de Diana. Não podendo o tirano sofrer a injúria que fazia à religião do imperador aquela tenra donzela, mandou que fosse atormentada com crudelíssimos suplícios. Empregou-se o ferro e o fogo em martirizar aquela heroína cristã, que, em meio aos maiores tormentos, não cessava de bendizer e louvar o Senhor, até que, cansado enfim o tirano, cheio de confusão por ver-se vencido por uma tenra donzelinha, mandou cortar-lhe a cabeça, coroando desta maneira com tão glorioso martírio sua fé e sua

virgindade.

Foi sempre célebre em Roma a memória desta insigne santa, em cuja honra se edificou uma capela no mesmo lugar onde estava sepultada, ao pé do monte Capitolino. Mas o que aumentou muito mais a celebridade de seu culto foi a invenção e a trasladação de suas relíquias, no pontificado de Urbano VIII. Achou-se o sagrado corpo entre as ruínas da primitiva igreja no dia 25 de outubro do ano de 1634. Estava encerrado numa como caixa ou ataúde de barro, a qual descansava sobre uma grande pedra, e tudo dentro de um nicho ou entre duas estreitas paredes, coberto de terra e de entulho. A cabeça estava separada, numa fonte ou vasilha de cobre toda gasta e meio roída de ferrugem, e dava indícios de ser cabeça de uma donzelinha de poucos anos. Assistiu a esta célebre trasladação o papa Urbano VIII, com grande número de cardeais, e desde então cresceu muito a devoção a Santa Martina, tanto em Roma como em toda a cristandade.

São Lesmes, Abade

São Lesmes, um dos mais célebres abades da ordem beneditina, nasceu na cidade de Lyon de França, de pais muito distintos em nobreza, riquezas e piedade, os quais, aproveitando-se de seu belo natural, vivo e perspicaz engenho, além de formá-lo nos sólidos princípios da religião cristã, procuraram instruí-lo nas ciências liberais. Depois, por vontade dos seus, seguiu a carreira militar, sem que a licenciosidade desta profissão fosse capaz de manchar no mínimo a pureza de sua alma. Mortos seus pais, ouvindo na igreja, ao tempo de cantar-se o Evangelho, aquele admirável conselho de Jesus Cristo sobre a perfeição, a saber: Se queres ser perfeito, vai, vende quanto possuis e dá-o aos pobres, fizeram em seu coração tanta impressão estas palavras divinas que, seguindo o exemplo daquele célebre pai dos desertos do Egito, o grande Antão, distribuiu entre os necessitados seu vultoso patrimônio, para poder conseguir, livre dos impedimentos desta vida, os bens da eterna. Queixaram-se seus parentes da repartição, alegando serem-lhes devida a preferência; mas Lesmes os satisfez dizendo que, na distribuição, não era seu ânimo atender aos vínculos da carne e do sangue, mas granjear por este meio os lucros que oferecem as promessas divinas na eternidade.

Parecendo-lhe menos proporcionada sua pátria para conseguir o fim a que aspirava, ausentou-se dela uma noite, sem outra companhia que a de um criado fiel, de quem se despediu pouco depois no caminho, trocando a roupa com ele, dando-lhe, ao tempo da separação, os mais santos e salutares conselhos para que jamais se atrevesse a ofender a Deus com o mais leve pecado. Sozinho, dirigiu seu rumo a Roma, com o fim de visitar os santos lugares que se veneram naquela capital, indo a pé descalço na peregrinação, como mendigo, pedindo de porta em porta o alimento preciso para passar a vida. Quis ver em Issoire, povoado da Auvérnia, o célebre Roberto, seu conhecido, abade do mosteiro chamado Casa de Deus (La Chaise-Dieu), que lhe rogou com eficazes instâncias que ficasse em sua companhia, para dedicar-se ao serviço do Senhor sob a disciplina daquele instituto. Não foi possível detê-lo então; mas prometeu-lhe voltar à sua sociedade concluída sua peregrinação.

Tendo chegado a Roma, gastou dois anos em satisfazer os desejos de venerar com o maior fervor e devoção os santos lugares regados com o sangue de tantos mártires, mantendo-se de esmola com gosto, com os demais mendigos, conforme o executou em toda a sua peregrinação, para cumprir a máxima que Jesus Cristo recomendou a seus apóstolos. Tendo voltado a cumprir a palavra que deu ao abade Roberto, desconheceu-o este de pronto, pelo desfigurado que se havia posto ao rigor de sua penitência, e, admitindo-o com as demonstrações do maior apreço entre os alunos daquele mosteiro, vestiu com as insígnias beneditinas aquele militar de Jesus Cristo, não duvidando das vantagens que lograria aquela casa de Deus com um indivíduo de tão eminente virtude. Não saíram frustradas suas esperanças, pois em muito breve tempo acreditaram os progressos de Lesmes na carreira da perfeição o conceito que se formou de sua pessoa. A todos os monges encheu de admiração sua oração contínua, sua abstinência, seus jejuns e rigor de penitência, sua profunda obediência e humildade. Era tão observante do silêncio que só falava por necessidade ou obrigado por preceito superior, e brilhava sobretudo no amor da paz e concórdia de seus irmãos: de forma que, tendo-se proposto seguir os vestígios de seu santo patriarca e os de outros heróis recomendáveis do instituto, conseguiu-o à custa de incessantes mortificações.

Apesar de que na religião beneditina se comete o magistério dos jovens a sujeitos antigos e aprovados para o emprego, confiaram este encargo a Lesmes muito no princípio de sua entrada, no conceito de que alentaria no fervor os mais tíbios com seu exemplo, doutrina e virtude; o que se verificou, saindo de sua escola muitos recomendáveis discípulos capazes de dar honra ao instituto. Por obediência ascendeu à ordem sacerdotal, para que fosse útil aos demais fiéis, dispensando as funções do caráter com a edificação que cabe a um ministro digno do altar.

Tendo ascendido o abade do mosteiro à dignidade episcopal, todos os monges puseram os olhos em Lesmes para sucessor, cujo emprego recusou por quantos meios são imagináveis. Mas rendeu-se por fim às reconvenções que lhe fizeram de que resistia à vontade divina, e teve tal acerto no governo que logrou ser agradável a Deus e aos homens, apesar de ser coisa muito difícil nos superiores que se interessam pela observância regular. Mas, como todos os seus desejos eram pelo retiro, para dedicar-se com quietude e tranquilidade a altas contemplações, por meio das quais lhe dispensava o Senhor extraordinários consolos, ressentida além disso sua profunda humildade das honras que lhe tributavam no emprego, renunciou-o muito contra a vontade dos monges, confessando-se indigno do ministério.

Os assombrosos milagres que obrava cada dia Lesmes, de prodigiosas curas com o santo nome de Jesus (a que professava tanta devoção que, ao proferi-lo, inclinava a cabeça ou fixava os olhos em terra em sinal de veneração), tornaram célebre a fama de sua santidade em todos os confins da França e da Inglaterra e o impediam de conseguir ali a apetecida quietude, pela multidão de gentes que concorriam a ele para consolo de suas almas e remédio de suas enfermidades, quando se ofereceu ocasião oportuna de desfrutá-la na Espanha.

Entendida Constança, mulher de Afonso VI, rei de Castela e Leão, da santidade e eminente virtude de Lesmes, persuadiu seu esposo a que lhe rogasse passar à Espanha, a fim de ilustrá-la com sua doutrina e exemplo; pois necessitava então de varões de sua classe, por estar recém-conquistada dos mouros, os quais deixaram nela não pouca infecção. Fez Afonso o empenho, e condescendeu Lesmes com a condição de que não se lhe obrigasse a seguir a corte, sendo seu ânimo viver

retirado para dedicar-se com tranquilidade ao serviço do Senhor. Admitida a proposta, escolheu para sua habitação a ermida de São João Batista, contígua à cidade de Burgos, com o objeto de hospedar os pobres peregrinos que passavam a visitar o sepulcro de Santiago na Galiza; cujo ofício dispensou com tanto amor, com tanta afabilidade e entranhável caridade que encheram de assombro quantos puderam entender o esmero de sua piedade. À vista do que lhe concedeu Afonso muitas posses para que invertesse suas rendas em tão piedosos desígnios, encomendando-se com sua real família e reino a suas poderosas orações junto a Deus, bem acreditadas nos prodígios que obrava cada dia.

Ocupado em tão louváveis feitos, chegou o fim de sua vida. Quis o Senhor prová-lo por meio de uma aguda e grave enfermidade, na qual deu provas de seu pacífico sofrimento e resignação em tudo com a vontade de Deus; mostrando uma alegria extraordinária nas dores mais vivas, ansiosa sua alma de dissolver-se dos vínculos do corpo para unir-se com Cristo. Recebeu das mãos do arcebispo de Burgos os sacramentos com a ternura e devoção própria de seu abrasado espírito; e, depois que deu graças, rogou que o levassem ao oratório da dita capela e, entoando ao tempo de entrar aqueles versos de Davi: Salva-me, Senhor, em teu nome, e julga-me em tua virtude; em tuas mãos encomendo meu espírito; abraçado com um crucifixo, passou a desfrutar os prêmios eternos por volta dos anos 1070, com imponderável sentimento da cidade, que chorou sua falta como a de um amoroso pai que era o refúgio de todas as suas necessidades espirituais e corporais.

Martirológio Romano

Em Roma, Santa Martina, virgem, martirizada no primeiro dia deste mês.

Em Antioquia, o martírio de São Hipólito, presbítero, o qual primeiramente se deixou arrastar por enganos ao cisma de Novato; mas, reconhecendo sua falta, por efeito da graça de Jesus Cristo, tornou à unidade da Igreja e por ela e nela sofreu depois um glorioso martírio. Como antes de morrer lhe perguntassem seus amigos qual era a seita verdadeira, abominando a heresia de Novato, respondeu que era necessário guardar a fé que professa a Cátedra de São Pedro; depois do que estendeu o pescoço ao verdugo.

Na África, os santos Feliciano, Filapiano e outros cento e vinte e quatro mártires.

Em Edessa da Síria, São Barsimeu, bispo, que, tendo convertido à fé muitos pagãos que enviou diante de si ao triunfo, seguiu-os depois no tempo de Trajano, alcançando a coroa do martírio.

Na mesma cidade, São Barses, bispo, célebre pelo dom das curas, o qual acabou sua vida naquelas regiões, aonde havia sido desterrado por Valente, imperador ariano.

Além disso, Santo Alexandre, venerável por sua grande ancianidade e por haver confessado muitas vezes a fé: tendo sido preso durante a perseguição de Décio, entrega sua alma em meio às torturas.

Em Jerusalém, São Matias, bispo, do qual se referem coisas maravilhosas que são outras tantas provas da grandeza de sua fé; tendo padecido muito sob o imperador Adriano, morreu em paz.

Em Roma, São Félix, papa, que trabalhou muito em defesa da fé católica.

Em Pávia, Santo Armentário, bispo e confessor. Em Maubeuge, em Hainaut, Santa Aldegonda, virgem, que floresceu no tempo do rei Dagoberto.

Em Milão, Santa Sabina, mulher religiosíssima, que, enquanto estava orando no sepulcro dos santos Nabor e Félix, adormeceu no Senhor.

Missa (oração)

A oração da missa é a que segue.

> **Latim:** *Deus, qui inter cætera potentiæ tuæ miracula etiam in sexu fragili victoriam martyrii contulisti: concede propitius; ut qui beatæ Martinæ, virginis et martyris tuæ natalitia colimus, per ejus ad te exempla gradiamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que entre as outras maravilhas de vosso poder fizestes também vitorioso o sexo frágil nos tormentos do martírio, concedei-nos benigno a graça de que, honrando o nascimento para o céu da bem-aventurada Martina, vossa virgem e mártir, consigamos caminhar para vós, servindo-nos de guia seus exemplos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 51 do Eclesiástico (o original diz “da Sabedoria”) e é a mesma do dia 21.

Eclesiástico 51,1-8.12

> **Latim:** [1] Oratio Jesu filii Sirach. Confitebor tibi, Domine rex, et collaudabo te Deum salvatorem meum. [2] Confitebor nomini tuo, quoniam adjutor et protector factus es mihi, [3] et liberasti corpus meum a perditione : a laqueo linguæ iniquæ, et a labiis operantium mendacium : et in conspectu astantium factus es mihi adjutor. [4] Et liberasti me, secundum multitudinem misericordiæ nominis tui, a rugientibus præparatis ad escam : [5] de manibus quærentium animam meam, et

> de portis tribulationum quæ circumdederunt me ; [6] a pressura flammæ quæ circumdedit me, et in medio ignis non sum æstuatus ; [7] de altitudine ventris inferi, et a lingua coinquinata, et a verbo mendacii, a rege iniquo, et a lingua injusta. [8] Laudabit usque ad mortem anima mea Dominum, [12] quoniam eruis sustinentes te, Domine, et liberas eos de manibus gentium.

Português: [1] Oração de Jesus, filho de Sirac: Glorificar-te-ei, soberano rei, louvar-te-ei Deus, salvador meu. [2] Glorificarei o teu nome: Porque te fizeste o meu ajudador e protetor, [3] e livraste ao meu corpo da perdição, do laço da língua iníqua, e dos lábios dos forjadores da mentira, e à vista dos que estavam contra mim te declaraste meu ajudador. [4] E me livraste, segundo a grandeza da misericórdia do teu nome, dos que rugiam, preparados para me devorarem. [5] Das mãos dos que procuravam tirar-me a vida, e das portas das tribulações que me cercaram: [6] Da violência da chama, que me cercou, e eu no meio do fogo não senti o calor: [7] Das profundas entranhas do inferno, e da língua impura, e da palavra de mentira, dum rei iníquo, e da língua injusta: [8] A minha alma louvará o Senhor até à morte, [12] Porque livras aos que esperam em ti, Senhor, e os salvas das mãos das nações.

Nota

« Na vida de Santa Inês se disse que a Igreja aplicava às virgens e mártires a ação de graças que Jesus, filho de Sirac, rendeu a Deus pelos perigos de que o livrou. Estes perigos, que descreve aqui individualmente, são imagem alegórica dos que padeceram as virgens e mártires nas perseguições mais cruéis, das quais as tirou com tanta felicidade e tanta glória a mão do Todo-poderoso: convindo-lhes com admirável propriedade tudo quanto se diz na epístola do dia. »

Reflexões

Sirvamos a Deus com fidelidade; sirvamo-lo com perseverança, que sua majestade saberá tirar-nos felizmente de todos os maus passos. Quanto mais se multipliquem os inimigos, quanto maiores sejam os perigos, mais devemos contar com sua proteção, contanto que não sirvamos a outro dono e que esses riscos e esses inimigos não nasçam precisamente do empenho de querer servir a outro.

É a vida uma contínua guerra; é preciso que se saiba sob que bandeiras se serve e por quais interesses se peleja. Navega-se por um mar borrascoso e cheio de escolhos; se se perde de vista o norte, não é possível navegar longo tempo sem fazer naufrágio. É o mundo um país inimigo; tudo é tentação, tudo está cheio de emboscadas. É o domicílio da injustiça, é o solar da má-fé, a dissimulação é a potência dominante. As paixões, como leões que rugem, não são forasteiras; antes estão nele estabelecidas. É propriamente região de trabalhos e de pesares. Não há orvalho

do céu que tempere seus ardores, e crescem os espinhos com a rega das lágrimas, que por isso é vale delas. Somente a multidão das misericórdias do Senhor pode conservar-nos em meio ao mundo, como conservaram os três jovens hebreus entre as chamas da fornalha. Só sua misericórdia e seu braço onipotente nos podem livrar destes leões rugentes, famintos sempre e sempre prontos a despedaçar-nos. Só ele pode fazer-nos escapar dos que nos buscam para tirar-nos a vida da alma. Só sua mão benéfica pode aliviar-nos das aflições que nos sitiam, da violência do fogo que nos ameaça, das entranhas do inferno em que nos querem precipitar tantos inimigos. Quem é o que estuda em ganhar a boa graça do Senhor? Quem se mata, quem se aflige por merecer sua proteção? Quem se guarda, quem se desvela por não cair em tantos e tão grandes perigos? Quem recorre à oração sem cessar? E depois de tanto descuido, estranhar-se-á que sejam tão poucos os que se salvam. A negligência com que se vive no importantíssimo negócio da salvação; a portentosa segurança com que se caminha em meio a tanto risco; as poucas ou nenhumas diligências que se fazem para recobrar a graça perdida: tudo isto acredita, tudo convence que a reprovação é obra de nossas mãos e que, por nossa desgraça, trabalhamos tanto nesta infeliz obra que ao fim saímos com ela. E entretanto vivemos com uma tranquilidade que pode parecer modorra! Em que se fundará esta falsa segurança?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus e é o mesmo do dia 21.

Mateus 25,1-13

> **Latim:** [1] Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus : quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso et sponsæ. [2] Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes : [3] sed quinque fatuæ, acceptis lampadibus, non sumpserunt oleum secum : [4] prudentes vero acceperunt oleum in vasis suis cum lampadibus. [5] Moram autem faciente sponso, dormitaverunt omnes et dormierunt. [6] Media autem nocte clamor factus est : Ecce sponsus venit, exite obviam ei. [7] Tunc surrexerunt omnes virgines illæ, et ornaverunt lampades suas. [8] Fatuæ autem sapientibus dixerunt : Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. [9] Responderunt prudentes, dicentes : Ne forte non sufficiat nobis, et vobis, ite potius ad vendentes, et emite vobis. [10] Dum autem irent emere, venit sponsus : et quæ paratæ erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua. [11] Novissime vero veniunt et reliquæ virgines, dicentes : Domine, domine, aperi nobis. [12] At ille respondens, ait : Amen dico vobis, nescio vos. [13] Vigilate itaque, quia nescitis diem, neque horam.

Português: [1] ENTÃO será semelhante o reino dos ceos a dez virgens: que tomando as suas alampadas, sahirão a receber o esposo e a esposa. [2] Mas cinco de entre ellas erão loucas, e cinco

prudentes: [3] as cinco porém que erão loucas, tomando as suas alampadas, não levarão azeite consigo: [4] mas as prudentes levárão azeite nas suas vasilhas juntamente com as alampadas. [5] E tardando o esposo, começárão a tosquenejar todas, e assim vierão a dormir. [6] Quando á meia noite se ouvio gritar: Eis-ahi vem o esposo, sahi a recebello. [7] Então se levantárão todas aquellas virgens, e preparárão as suas alampadas. [8] E disserão as fatuas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite: porque as nossas alampadas se apagão. [9] Respondêrão as prudentes, dizendo: Para que não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister. [10] E em quanto ellas forão a comprallo, veio o esposo: e as que estavão apercebidas entrárão com elle a celebrar as vodas, e fechou-se a porta. [11] E por fim vierão tambem as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, ábre-nos. [12] Mas elle respondendo, lhes disse: Na verdade vos digo que vos não conheço. [13] Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.

Meditação

Da reprovação

Primeiro ponto

Considera toda a força daquelas terríveis palavras: *Nescio vos*; não vos conheço. Na hora da morte, naquele momento crítico e decisivo de nossa eterna sorte, ouvir da boca do Redentor, em quem unicamente tínhamos posta toda a nossa confiança: Em verdade vos digo, não vos conheço. E isto sem réplica, e isto sem revogação! Que impressão fará numa pobre alma este decreto fulminante?

A circunstância torna mais vivo o sentimento e a dor. Comparece ao mesmo tempo igual número de virgens, as quais são muito bem recebidas. Não eram virgens de região estranha, nem de diferente condição que a sua; eram as mesmas com quem haviam vivido, cuja conduta e cujos exemplos haviam tido sempre à vista. Ó bom Deus, e que sorte tão diferente! Não sei quem sois, não vos conheço. Assim fala, isto diz o próprio Jesus Cristo. Ó preguiça! Ó frouxidão! Ó falta de previsão, e quão caro custas!

Eram virgens; sua vida era irrepreensível; mas adormeceram, descuidaram-se de fazer sua provisão. Apagaram-se as lâmpadas por falta de azeite; quiseram acudir por ele, mas já era tarde: chegou o esposo antes do que pensavam; em vão gritam que lhes abram a porta; responde-se-lhes de dentro que não as conhecem. Esta é uma vivíssima imagem de tantas almas que, com pretexto de uma vida bastante cristã, parecem não ter outro defeito senão uma falta de previsão, uma frouxa preguiça, estando sempre adiando para outro tempo sua total reforma e a resolução de trabalhar com mais zelo, com maior eficácia no negócio da salvação. A vida regalada, ociosa, mundana, sensual e frouxa nunca foi vida cristã. Bom Deus, quantos e quantos ouvirão na hora da morte: Não sei quem sois, não vos conheço! E não tenho eu motivo para temer ser deste número?

Que desgraça, dulcíssimo Jesus meu, a de uma alma remida com vosso precioso sangue, que só se perdeu por culpa sua! Que desespero seria o meu, se com os auxílios que agora me ofereceis eu

não evitasse esta desgraça!

Segundo ponto

Considera que a reprovação é o cúmulo de todas as desditas, é o conjunto de todos os males. Tudo o que há de cruel, tudo o que há de desesperado no mundo, tudo se une numa alma reprovada. Tal foi a sorte das virgens néscias. Mas somos nós mais prudentes que elas? Não só não temos o azeite que elas foram buscar, mas talvez nem lâmpadas onde pô-lo. Quase toda a vida estamos dormindo quando se trata do negócio de nossa salvação. Virá muito em breve o esposo, e talvez já esteja a caminho. Quantos farão esta meditação, a quem o esposo dirá: Não vos conheço? Que desgraça a dos mundanos, se esta vinda os pegar de repente e como de surpresa! Que desespero o das pessoas religiosas, se as pegar desprevenidas! Talvez nos faltassem meios, e meios muito eficazes, para prevenir-nos?

Nossa salvação é sempre obra da graça do Redentor; mas nossa condenação é sempre obra nossa. Em nossa mão está fazer as provisões a tempo; às virgens néscias não faltava com que comprar o azeite, faltou-lhes apenas a atividade e a vigilância: o sono e a ociosidade puderam mais que suas maiores obrigações. Meu Deus, e que retrato tão parecido com inumeráveis almas que terão semelhante sorte! E não será talvez retrato da minha?

Santa Martina renunciou tudo na flor de sua idade. Bodas vantajosas, fortuna brilhante, alegria do mundo, pompa vã: tudo sacrificou. Derramou seu sangue e deu sua vida para evitar a morte eterna. Quando ameaça naufrágio, tudo se lança ao mar. Coisa estranha! Cresce a tempestade, aumenta-se o perigo; e, em vez de aliviar o navio, carrega-se mais. Essas paixões tão cuidadosamente sustentadas, esses festins, esses saraus, essas diversões de carnaval, asseguram-nos no porto? Afastam-nos dos escolhos? Ó grande Deus, e quanta verdade é que nossa condenação é obra de nossas mãos!

Resolvido estou, divino Salvador meu, a tudo o que quiserdes fazer de mim para evitar esta desgraça. Se for preciso sacrificar meus bens, e até minha vida, desde logo ma sacrifico. Falo, Senhor, de todo o coração, de toda a alma; e assim vou desde logo dar-vos provas de minha sinceridade.

Jaculatórias

> *Ne projicias me a facie tua: et Spiritum sanctum tuum ne auferas a me.* Sl 50.

Não me lanceis, Senhor, de vossa presença; e não me priveis da luz de vosso santo Espírito.

> *Quid prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur?* Mt 16.

De que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se perde sua alma?

Propósitos

1. Sendo como é a reprovação obra de nossas mãos, guardemo-nos bem de trabalhar nela. Resolve-te eficazmente a fugir de tudo quanto possa precipitar-te nesta suma desgraça. O ar do mundo é contagioso; não te expões a ele sem grande necessidade e sem grandes precauções. As casas de conversação, as de jogo, os saraus, os espetáculos; numa palavra, todas as que se chamam diversões de carnaval são sumamente perigosas. Quantos começaram por aqui seu infeliz destino! Resolve-te a não aparecer jamais nelas. Mas que dirão? Dirão que temes a peste, que foges do perigo, que segues o partido dos prudentes, que não queres perder-te, que tens eficaz desejo de salvar-te. Poderão dizer outra coisa com razão? Trata de ter juízo; e dize-me se o terás procedendo de outra maneira.

2. Não se passe o dia sem que ponhas em execução o que prometeste talvez há muitos meses e sempre inutilmente. Se tens que fazer alguma restituição ou alguma reconciliação, faze-a sem demora. Se teu confessor te aconselhou algumas devoções ou alguns atos de virtude, pratica-os logo. Se fizeste propósito de fazer alguma mortificação, não a deixes para amanhã. Lê hoje mesmo em algum livro que te inspire o amor à penitência, infundindo-te um santo horror ao inferno. Lê o sermão do inferno do padre Bourdaloue, se o tens, ou, nas *Reflexões cristãs sobre vários pontos de moral*, o artigo da eternidade desgraçada, que se acha no primeiro tomo. A devoção ardente e fervorosa a Cristo Senhor nosso no sacramento da eucaristia e a terna devoção à santíssima Virgem são grandes sinais de predestinação quando estão acompanhadas de uma vida cristã. Esforça-te por ter estes sinais; e resolve desde logo não deitar-te nunca sem haver feito uma visita ao santíssimo sacramento e professar uma terna devoção à santíssima Virgem.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:44:22 by Admin
Updated 20 November 2026 20:44:22 by Admin